

FIGURA DA NOITE

Hábitos musicais

Valter Hugo Mãe

Escritor, compositor, músico, DJ, frequenta o Maus Hábitos há vários anos e, apesar de muito atrapalhado com os vários compromissos profissionais que tem abraçado, não resistiu ao convite de Daniel Pires e estreou-se a pôr música no Porto



Que trabalhos tem feito deste género?

Ponho música por piada, sei o básico, trocar discos, fazer equalização. Há quatro anos, no aniversário de uma amiga, ela achou que eu podia pôr as pessoas a dançar com a música que ouço. **E que música ouve?**

Ouçó tudo. Dos eruditos ao *folk*. Adoro Amália Rodrigues mas posso ouvir coisas mais violentas – Sepultura, por exemplo. Sou fascinado pela música electrónica: *electro rock*, *punk electro*, *electro trash*. Para as noites, a Peaches, a MIA, a Santogold, os Prodigy, quase sempre passo alguma coisa dos Prodigy. Passo The National, às vezes Joy Division, também vou aos The Cure.

E onde é que sai à noite?

Maus Hábitos. Sempre foi o meu espaço no Porto. É descomplicado. Mas acho interessante esta nova dinâmica na noite portuense, que introduziu um sentido de modernidade e um cosmopolitismo. As pessoas perceberam que a noite pode ter vários conceitos, o importante é não ter preconceitos.

Estreou-se como cantor recentemente.

Isso partiu de uma noite em Braga há uns dois

anos. Uma amiga arrastou-me para uma pequena *performance* e, como desde sempre canto no banho, pensei: 'Vou arriscar'. O António Rafael, compositor dos Mão Morta, viu e veio ter comigo: 'Quero que graves uma canção minha'. Para mim era mágica a ideia de fazer algo com uma banda mitológica que cresci a admirar. Ele chamou o Miguel Pedro, dos Mão Morta, e começaram a compor. Depois o Henrique Fernandes foi para o contrabaixo. De repente, tínhamos uma formação.

Que tipo de música estão a compor?

O resultado é uma coisa cantada em português, que vai ao fado, à canção popular, aos *blues* e que tem algo que ver com os Madredeus e o Zeca Afonso. É substancialmente triste mas nós ficamos muito alegres.

Porquê o nome Governo?

Porque terá chegado o tempo em que a falência dos governos propriamente ditos se anuncia. E mais vale acreditar num governo poético, artístico, lírico, cantor, do que noutra qualquer. Em Março, teremos dois temas no nosso MySpace e em Setembro sairá o primeiro álbum.

As propostas de VALTER HUGO MÃE



SOL DA MEIA-NOITE

Roubos

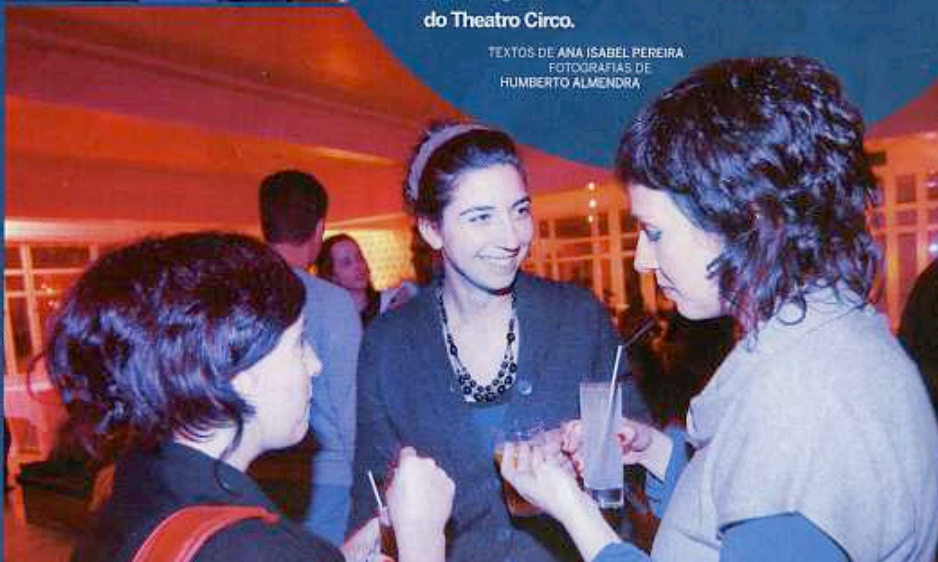
por Vítor Rainho

O TRABALHO PROLONGARA-SE PELA NOITE DENTRO e não tinha trazido o carro. Chovia copiosamente e, depois de chamar um táxi, fizemos o percurso habitual até casa. Enquanto percorria a 24 de Julho constatei que, apesar de ser quinta-feira, não havia operações stop. Mais à frente, na Avenida de Ceuta, também não se via qualquer agente policial. Para os mais desatentos ou que não vivem em Lisboa, diga-se que quinta-feira é a noite em que a cidade fica praticamente cercada por operações stop. Quer para o lado de Belém, quer para o do Parque das Nações, não faltam barricadas policiais. Talvez devido ao cansaço não percebi a razão da inexistência de polícias. Mas o simpático taxista acabou por me esclarecer: «Sabe, quando chove é muito raro haver operações stop. O que é uma estupidez. Se o pessoal que anda com os copos já é perigoso com o piso seco agora imagine com a estrada molhada...». Lembrei-me então de um amigo que foi mandado parar numa operação stop e a quem não foi dado o tempo devido até soprar no balão, precisamente porque começou a chover e havia que levar o pessoal todo para a esquadra. Enquanto rolávamos na estrada, o motorista reparou em dois clientes estrangeiros que tinha levado na noite anterior para a zona da Praça das Flores. «Os

Quando chove é quase certo e sabido que não há operações stop

turistas são os melhores clientes. Pagam sempre e quando gostam do serviço pedem um cartão para situações futuras. O mesmo não posso dizer da maioria da malta portuguesa que anda à noite». De seguida fez o *ranking* das discotecas mais perigosas e onde só param os taxistas mais aventureiros e que, regra geral, não estão devidamente legalizados na profissão. «O senhor nem imagina como isto está. Nem mesmo nas discotecas mais insuspeitas deixamos de levar banhadas. Ainda há dias, entrou no táxi um casal muito bem parecido. Ele de fato e gravata, ela de vestido comprido. Quando chegámos ao local pretendido disseram-me que tinham que ir a um multibanco. Passados 15 minutos fui ver o que se passava. Sabe... saíram por outra porta».

Há pessoas para tudo. Gastam dinheiro em lanternas, nos copos e depois 'roubam' o taxista que



DJ em série

Valter Hugo Mãe foi o primeiro DJ da iniciativa Night Call, na sexta-feira 23, no Maus Hábitos, no Porto. Este espaço de intervenção cultural resolveu convidar o escritor que venceu o Prémio Saramago em 2007 e acaba de lançar um novo romance, *O Apocalipse dos Trabalhadores*, para dar início a uma série de actuações em cadeia. Cada DJ convida a próxima figura das Night Call, que vão acontecer uma vez por mês. Homem de todos os ofícios, Valter Hugo Mãe arranjou tempo para pôr música descomprometidamente no Maus Hábitos – espaço da sua eleição, que frequenta há anos – e os sons electrónicos marcaram a sua actuação. A música tem ocupado parte do tempo do escritor, que se estreou recentemente como cantor nos Governo, banda que criou com António Rafael, Miguel Pedro (ambos dos Mão Morta) e Henrique Fernandes. No Maus Hábitos, o senhor que se segue na Night Call é Paulo Brandão, director artístico do Teatro Circo.

TEXTOS DE ANA ISABEL PEREIRA
FOTOGRAFIAS DE
HUMBERTO ALMENDRA